

OCORRÊNCIAS ENVOLVENDO ENGENHOS EXPLOSIVOS: A PARTIR DE RETROSPECTIVA HISTÓRICA, A NECESSIDADE DE UMA DOCTRINA OPERACIONAL¹



Tenente Euler



Sargento Francis

EULER ROBERTO SOARES DE SOUZA

1.º Tenente da PMMG Chefe do Esquadrão Antibombas/GATE

FRANCIS ALBERT COTTA

2.º Sargento da PMMG Sub Chefe do Esquadrão Antibombas/GATE

Resumo: *Partindo de uma retrospectiva histórica sobre eventos que envolveram engenhos explosivos improvisados, aponta para a necessidade da sistematização e consolidação de uma doutrina operacional na área de bombas e explosivos. Fornece dados para a tomada de decisões e procedimentos iniciais em ocorrências de bombas.*

Palavras-chave: *Ações antibombas, bombas, explosivos, Esquadrão Antibombas*

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em explosões, destruições, mutilações e mortes decorrentes de artefatos explosivos, logo o imaginário popular se transporta, quase instantaneamente, aos ataques terroristas a Nova York. Na lembrança, desfilam imagens dos conflitos entre palestinos e israelenses, da intolerância entre

¹ Trabalho dedicado ao Major Eid Pereira da Silva Júnior, aos integrantes do Esquadrão Antibombas da Polícia Militar de Minas Gerais e às Equipes de Inativação de Engenhos Explosivos da Guarda Nacional Republicana de Portugal, militares que arriscam quotidianamente suas vidas no atendimento de ocorrências envolvendo engenhos explosivos improvisados.

Ocorrências envolvendo engenhos explosivos: a partir de retrospectiva histórica, a necessidade de uma Doutrina Operacional

católicos e protestantes na Irlanda do Norte, de argelinos mortos pelo Grupo Islâmico Armado (GIA), das bombas do Hesbolá, do Hamas, do Eta a explodir tanto no Oriente quanto na Europa.

Nesse contexto, e tendo como motivações questões políticas, religiosas e criminosas, a sede pelo poder e a intolerância não se restringem ao leste europeu, à ex-URSS², ao Oriente Médio, à Europa Ocidental³ ou à Ásia⁴. Elas também estão presentes, com intensidade, na América Latina através das Forças Armadas Revolucionárias Colombianas⁵, do Sendero⁶ e do Tupac Amaru⁷, no Peru, dentre outras facções que instalam o terror e o caos em seus países.

Em sua essência, o terrorismo se caracteriza por atos de caráter violento que provocam medo e pânico generalizados. Violência esta que pode ser real ou presumida. Espalhando o sentimento de insegurança (não há lugar seguro, todos são vítimas em potencial), os grupos terroristas e facções criminosas conseguem instalar um estado de mal-estar e instabilidade. A literatura especializada e os fatos cotidianos mostram que os principais alvos são autoridades, prédios públicos, instalações militares e áreas de grande frequência de pessoas. Dentre o vasto repertório de ações odiosas e covardes, operacionalizadas pelos terroristas e facções criminosas, encontram-se os atentados à bomba, os seqüestros, os assassinatos, os assaltos, as sabotagens e os ataques armados.

Diante de um quadro tão dramático, o que as autoridades podem fazer? O combate ao terrorismo se faz através de duas frentes: a primeira são as ações contraterror, isto é, possuem, fundamentalmente, caráter repressivo; a segunda frente passa pelas ações antiterror, que se constituem de orientações, informações

² "Terror ataca e mata em Moscou: explosão destrói prédio matando 70 pessoas. Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, 14 de setembro de 1999.

³ "França teme terror e reforça segurança". Jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, 5 de dezembro de 1996.

⁴ "Homem-bomba mata 21 em Sri Lanka: guerrilheiro se explode matando ministro e ferindo pessoas durante desfile. Jornal Estado de Minas, 8 de junho de 2000.

⁵ "SILVA, Eumano. Colômbia: no país da guerrilha. Revista Época, 9 de agosto de 1999. DIAS, Cristiano. FARCíonoras: assassinato com colar-bomba de uma mulher expõe o horror da guerrilha colombiana. Revista Veja, 24 de maio de 2000.

⁶ "A vez do Sendero: terror maoísta volta à cena e ataca posto policial em Lima". Revista Isto é, 21/5/1997.

⁷ ZILERI, Marco. Terror em festa de gala: guerrilha invade missão japonesa durante recepção e faz 400 reféns. Revista Veja, 25 dezembro de 1996.

e todo um conjunto de eventos preventivos. Mas como o Brasil e mais especificamente Minas Gerais entram nessa discussão?

Nas décadas de 60 e 70 do século XX, o Brasil passou por certa turbulência política marcada por inúmeros atentados envolvendo artefatos explosivos - utilizados tanto pela direita quanto pela esquerda⁸. A esquerda brasileira, impulsionada pelo exemplo da guerrilha rural dos “barbudos” de *Sierra Maestra* e diante da impotência do (Partido Trabalhista do Brasil) PTB, do (Partido Comunista Brasileiro) PCB, dos nacionalistas e de outros setores sociais, comprometidos com a classe trabalhadora, fragmentou-se, sobretudo a partir de 1966, em diversas tendências e organizações. Dentre elas: a organização guerrilheira VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) do Vale do Ribeira; a ALN (Ação Libertadora Nacional), de Carlos Marighella, autor do *Mini manual do guerrilheiro urbano*, escrito em meados de 1969 e traduzido para várias línguas; o COLINA (Comandos de Libertação Nacional), organização de orientação assumidamente cubana, cuja efêmera existência circunscreveu-se praticamente ao Estado de Minas Gerais, e o MNR (Movimento Nacional Revolucionário), grupo que operou em 1966/67, na Serra do Caparaó⁹.

Com o processo de redemocratização do país e o advento da Constituição cidadã, ocorre uma mudança sensível no emprego criminoso de artefatos explosivos. Se, estatisticamente, os artefatos usados nas décadas de 60 e 70 possuíam uma conotação eminentemente política¹⁰, a partir da década de 90 foram objetos de crimes passionais, extorsões¹¹ e brigas entre torcidas nos estádios de futebol¹². Existiram ainda casos de intolerância contra minorias - homossexuais e negros - como os promovidos por grupos “neo-nazistas”

⁸ “Ordem dos Advogados do Brasil acusa militares por atentado.” *Jornal Estado de Minas*, 18 de dezembro de 1996.

⁹ BOITEUX, Bayard Demaria. *A guerrilha de Caparaó e outros relatos*. Rio de Janeiro: Inverta, 1998.

¹⁰ MARQUES, Regiane. Década de 70 foi marcada por onda de atentados à bomba. *Jornal O Tempo*, Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 1999.

¹¹ PASCOAL, Gabriel. Explosão no Belvedere: bomba danifica carros, empresário sobre 10.º atentado por causa de dívida. *Jornal Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 4Out99.

¹² SOARES FILHO, Ney. Polícia apura bomba no esporte. *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 de outubro de 1997.

Ocorrências envolvendo engenhos explosivos: a partir de retrospectiva histórica, a necessidade de uma Doutrina Operacional

Paulistas¹³. Como resquícios dos movimentos guerrilheiros e por infiltração de indivíduos que não se inseriram nas novas “regras do jogo”, ocorreram, ainda na década de 90, embates entre forças policiais e manifestantes que se utilizaram de bombas incendiárias como coquetéis *molotov* para reivindicar direitos sociais¹⁴.

Facções criminosas cariocas, como o Comando Vermelho e o Terceiro Comando, ou paulistas, como o Primeiro Comando da Capital, apropriaram-se de conhecimentos específicos sobre artefatos explosivos improvisados ou comercializados e iniciaram suas atividades, operacionalizando seqüestros, assaltos a bancos ou resgate de presos em penitenciárias ou delegacias. Diante desse novo quadro social, surgiu a necessidade de se criar, no âmbito da força policial-militar mineira, uma equipe especializada para o atendimento de ocorrências que envolvessem explosivos.

No início da década de 90, recém-chegado do Chile, onde realizou estudos teóricos e práticos por cerca de um ano, com os *Carabineros*, o então Tenente Eid Pereira da Silva Júnior idealizou e criou o Esquadrão Antibombas da Polícia Militar de Minas Gerais - uma equipe especializada que tem como missão principal atuar no campo de ocorrências de atentado a bomba, executando ações de varredura, localização, remoção e desativação de engenhos explosivos; atua ainda em ações antiterrorismo, apoio às equipes táticas e pesquisas sobre equipamentos e técnicas antibombas.

Dentre os tipos de ocorrências atendidas pelo Esquadrão Antibombas, 70% são as ameaças de bombas e 30%, explosões, apreensões de materiais e localização de artefatos explosivos improvisados ou comercializados. Quanto aos materiais utilizados na fabricação dos artefatos, encontram-se pólvoras, acessórios comerciais e explosivos militares. Os locais de maior incidência de ocorrências com bombas são: escolas, repartições públicas, comerciais,

¹³ SILVA, Marcos Sérgio. Nazistas põem bomba no Campo Belo: objetivo dos fanáticos é matar negros e gays de São Paulo. *Jornal Notícias Populares*, São Paulo, 28 de setembro de 1999.

¹⁴ CUNHA, Newton. Campo de Batalha: confronto entre sem casa e PM deixa dois mortos e vários feridos. *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 de abril de 1999. ARAÚJO, Thaís. Liderança da Liga Camponesa. *Jornal Hoje em Dia*, 27 de abril de 1999; LIMA, Ilson. Liga Operária Camponesa mantém base de guerrilha em Minas e Rondônia. *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 de maio de 1999.

indústrias e residências. Por ser o carro-chefe das ações do Esquadrão Antibombas e pelo fato de que, na maioria das vezes, quem primeiro chega ao local da ocorrência é o policial-militar que atua quotidianamente no setor onde eclodiu a crise. As considerações deste artigo serão iniciadas pela ameaça de bomba.

2 AMEAÇA DE BOMBA

Bombas são engenhos construídos com a utilização de substâncias explosivas, inflamáveis, bacteriológicas, radioativas, gases tóxicos, ou outras de efeitos análogos, com finalidade de causar danos, lesões ou mortes. Tecnicamente as bombas se dividem em: 1) *EOD - Explosive Ordinance Disposal* - artefatos regulamentares, são industrializados e possuem especificações técnicas: granadas, mísseis, minas, e 2) *IED - Improvised Explosive Device* - artefatos não regulamentares feitos com mecanismos improvisados ou adaptados de forma caseira.

Ameaça de bomba é a comunicação direta ou indireta, informação ou suspeita fundada da existência de uma bomba em determinado local. As **ameaças de bombas** podem ser: 1) **falsas** - quando as informações ou análise da suspeita forem consideradas infundadas, não havendo elementos ou provas que confirmem a possível existência da bomba, ou 2) **reais** - quando existem elementos materiais ou testemunhais que comprovem ou confirmem a possível existência da bomba.

Basicamente, existem três alternativas frente a uma ameaça de bomba: 1) ignorar a ameaça; 2) evacuar imediatamente o local, ou 3) investigar, analisar e evacuar o local, se for o caso. Os quadros elaborados por Décio José Aguiar Leão são extremamente úteis para a tomada de uma decisão no caso de uma evacuação.

Ocorrências envolvendo engenhos explosivos: a partir de retrospectiva histórica, a necessidade de uma Doutrina Operacional

Quadro de análise da motivação de ameaça de bomba

| TIPO | CARACTERÍSTICAS | CARACTERÍSTICAS | AGENTES |
|---------------------------|--|--|---|
| Trote (80%) | <ul style="list-style-type: none"> - apresenta a ameaça como evento imediato, informando horários e alertando para necessidade da evacuação; - fala rápida e curta; - disfarce da voz ou sotaques forçados; - não receptivo à conversação; - não apresenta detalhes técnicos ou objetivos da ameaça; - não insiste no convencimento da ameaça. | <ul style="list-style-type: none"> - criar clima de confusão e instabilidade - provocar a paralisação ou liberação de atividades | <ul style="list-style-type: none"> - crianças - estudantes - funcionários |
| Criminosa (19%) | <ul style="list-style-type: none"> - faz exigências ou condiciona a ameaça a pedidos; - fala e conversação tensas ou inquietas; - direcionada a ameaça para determinada pessoa ou local; - procura dar convencimento ou provas da veracidade da ameaça | <ul style="list-style-type: none"> - vingança; - extorsão; - paralisação ou danos na atividade | <ul style="list-style-type: none"> - ex-funcionários, ex-namorados ou outras pessoas de relacionamento anterior; - grupos criminosos especializados |
| Terrorista (1%) | <ul style="list-style-type: none"> - apresenta a ameaça como possibilidade futura de ocorrer; - declara suas intenções, motivações e grupo a que pertence; - é receptivo à conversação; - demonstra conhecimentos técnicos sobre explosivos; - procura dar convencimentos ou provas da veracidade da ameaça | <ul style="list-style-type: none"> - criar clima de medo e pânico; - chamar a atenção para determinada causa. | <ul style="list-style-type: none"> - extremistas e grupos radicais motivados por política, religião ou questões sociais. |

Fonte: Ações Antibombas - Décio José Aguiar Leão

Uma evacuação precipitada poderá gerar pânico, causar acidentes, lesões e até óbitos. Como já salientado, a paralisação das atividades poderá ser o único objetivo do ameaçador. Dependendo da instalação e do tipo de atividade, se a evacuação for total e o artefato não tiver sido localizado, será extremamente difícil sua detecção em uma varredura técnica. Quem melhor conhece as particularidades de um determinado ambiente é aquele indivíduo que ali desenvolve suas atividades.

Quadro de análise da veracidade da ameaça de bomba

| AMEAÇA FALSA | AMEAÇA REAL |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> - Características de ameaça tipo trote; - não existem provas da ameaça; - não existem antecedentes de problemas com bombas; - não existe clima ou motivação para um atentado; - local ou pessoa ameaçada não é um alvo potencial; - segurança é eficiente e confiável. | <ul style="list-style-type: none"> - Características de ameaça tipo criminosa ou terrorista; - existem provas materiais ou testemunhais de uma possível bomba; - existem antecedentes de problemas com bombas; - existe clima ou motivação para um atentado; - local ou pessoa ameaçada é um alvo potencial; - segurança é ineficiente ou falha |

Fonte: Ações Antibombas - Décio José Aguiar Leão.

Em uma ocorrência de ameaça de bomba, há duas atitudes extremas praticadas por gestores das instituições envolvidas na crise. De um lado, indivíduos que, por serem responsáveis pelas vidas daqueles que ocupam o estabelecimento, decidem, mesmo sem analisar a ameaça - por falta de conhecimento específico ou por precaução, - evacuar totalmente as instalações. Geralmente, isso ocorre em instituições de ensino e repartições públicas. No outro extremo, estão os gerentes de grandes empresas, geralmente multinacionais, que, mesmo tendo todos os indícios de uma ameaça real, assumem o risco de uma explosão e não permitem a paralisação das atividades. A decisão de evacuar ou não o local é uma questão central em uma ameaça de bomba. Sempre que possível, deve ser deliberada após análise técnica. Sugere-se analisar os quadros abaixo antes de tomar essa importante decisão.

Ocorrências envolvendo engenhos explosivos: a partir de retrospectiva histórica, a necessidade de uma Doutrina Operacional

Quadro de análise da evacuação em caso de ameaça de bomba

| NÃO EVACUAÇÃO | EVACUAÇÃO PARCIAL | EVACUAÇÃO TOTAL |
|--|---|---|
| - Análise de ameaça falsa; - Bomba não localizada | - Análise de ameaça real; - bomba localizada; - cálculo de danos controlados - Acesso de pessoas/ objetos no local é limitado. | - Análise de ameaça real; - bomba não localizada; - cálculo de danos elevados; - acesso de pessoas/objetos no local é livre. |

Fonte: Ações Antibombas - Décio José Aguiar Leão.

Ao chegar ao local da ocorrência, o policial-militar deverá colher o maior número de informações possível. Esse trabalho é de suma importância para a equipe especializada, bem como para os profissionais que realizaram as investigações. Dentre outras, sugere-se que sejam feitas as seguintes perguntas:

- 1) caso não tenha sido direcionada para determinada pessoa, quem seria o indivíduo com maior margem de probabilidade de receber uma ameaça? Existe algum motivo recente na vida do indivíduo/local que justificaria tal ato?
- 2) existem possibilidades do objetivo da ameaça ser algum ponto vital da instalação?
- 3) a instalação possui um bom sistema de controle de identificação de visitantes?
- 4) todas as repartições são abertas ao público?
- 5) foi identificado algum objeto suspeito?

Após tomar nota das informações preliminares, o policial-militar deverá contactar com o indivíduo que recebeu a ameaça ou denúncia e questioná-lo sobre:

- 1) quais foram as palavras exatas do ameaçador?
- 2) que horário a denúncia ou ameaça foi recebida?
- 3) o denunciante/ameaçador mencionou que hora o artefato iria explodir?

- 4) qual a linguagem da ameaça?
- 5) identificou o sexo, sotaques ou outras características do ameaçador?
- 6) havia ruídos ao fundo (telefone público, risadas, música etc.)?
- 7) houve tentativa de negociação com o ameaçador?

Inicialmente, há duas explicações lógicas para uma ameaça/ denúncia de bombas:

- 1) o informante tomou conhecimento do fato e, por questões de preservação de vidas ou bens materiais, resolveu denunciar;
- 2) o ameaçador quer gerar pânico e medo, paralisando as atividades cotidianas.

Por diversas vezes, a Polícia Militar esteve a gerenciar ocorrências de ameaças de bombas em entidades de ensino como a Universidade Federal, Pontifícia Universidade Católica, Centro Universitário de Belo Horizonte, Unicentro Newton Paiva e diversas escolas da rede pública e particular¹⁵, além de empresas de grande porte como a (Companhia Energética de Minas Gerais) CEMIG¹⁶, a Refinaria Gabriel Passos e mesmo o Fórum Lafayette. A prática mostra que em cerca de 80% dos casos, a ameaça é falsa, querendo o ameaçador apenas a paralisação das atividades e liberação de funcionários e/ou estudantes. Em períodos de exames, apresentações de trabalhos, festividades e vésperas de feriados, as chamadas aumentam consideravelmente. Nesse contexto, o pânico seria outro motivo de preocupação, pois, uma vez instalado, elevaria o potencial de prejuízo material e humano, sendo, na maioria dos casos, o maior objetivo dos autores de ameaça de bombas.

Como afirmado, o ideal seria que o policial-militar que primeiro chegasse ao local da ocorrência colhesse todas as informações pertinentes ao evento e aguardasse a chegada da equipe especializada, pois, mesmo uma varredura antibombas possui suas especificidades. Os artefatos são dos mais variados tipos e os explosivos, por sua vez, guardam certas particularidades.

¹⁵ MARIA, Gláucia. Santa Efigênia. Bomba explode e fere seis estudantes. *Jornal Diário da Tarde*, 22 de dezembro de 2000.

¹⁶ NOGUEIRA, Roberto. Ameaça de bomba: telefonema anônimo anuncia explosão de bomba e tumultua prédio da Cemig na avenida Barbacena. *Jornal Diário da Tarde*, 28 de dezembro de 2000.

Ocorrências envolvendo engenhos explosivos: a partir de retrospectiva histórica, a necessidade de uma Doutrina Operacional

Para se ter uma idéia do perigo que corre um indivíduo de “boa vontade” mas sem conhecimento técnico específico e equipamento apropriado, alguns dados ajudarão a compreender a amplitude e perigo de uma ação envolvendo artefatos explosivos improvisados:

Uma caixa de sapatos comporta cerca de cinco quilos de alto explosivo (altos explosivos são aqueles que possuem características de ruptura e cuja velocidade de detonação está acima de 2.000 m/s, como por exemplo o (trinitrotolueno) TNT, a nitropenta, o trotil, o C4 ou as dinamites). Os explosivos mais densos (relação entre massa e volume) são mais potentes, portanto, são mais compactos, ocupando um espaço menor se comparados com os baixos explosivos (pólvoras, por exemplo). Suponha-se que um dos sistemas de acionamento do artefato da caixa de sapatos seja de movimento com seus respectivos elementos constitutivos, isto é, detonador, fonte de poder e fios condutores. Ligado ao sistema tem-se outro gatilho de descompressão e um terceiro dispositivo de tempo. Em outras palavras, se o indivíduo de “boa vontade” tentar remover, o artefato explode! Se tentar abrir a caixa, o artefato explode! Se demorar a tomar uma decisão, o artefato explode! O que aconteceria com o nosso indivíduo de “boa vontade”? Certamente não seria enterrado, pois, não haveria corpo. Veja-se mais detalhadamente o porquê.

A explosão é o escape súbito e repentino de gases do interior de um espaço limitado gerando gases, altas pressões e elevadas temperaturas. A hipotética caixa de sapatos, numa velocidade de cerca de 7.000 m/s, ocupará o espaço de cinco caixas d'água de 1.000 litros. Imagine-se o que acontece com a estrutura de alvenaria ao receber esta pressão. Melhor não falar nos efeitos sobre o corpo do indivíduo de “boa vontade” que estava a menos de dez centímetros da caixa de sapatos. Fale-se apenas daqueles que estavam a menos de 50 metros e que tiveram tímpanos perfurados e seus órgãos internos estourados, além do incêndio que se iniciou após a explosão em consequência do efeito térmico-incendiário. Com a fragmentação, os estilhaços de vidro e madeira acertaram alguns curiosos que estavam aglomerados nas proximidades. Ressalte-se que não são apenas os estilhaços que provocam o óbito, mas, fundamentalmente, as ondas de choque.

A explosão é um processo químico e físico caracterizado por grande velocidade de transformação, pela formação de grande quantidade de gases em elevada temperatura e por uma grande força expansiva que produz efeitos mecânicos e sonoros. Os efeitos da explosão se dividem em primários e

secundários. Nos efeitos primários, tem-se a *onda positiva* - também conhecida como *onda de choque*. É a violenta expansão polidirecional de gases de alta pressão. É o principal efeito da explosão. Os gases em expansão comprimem a atmosfera ao redor, gerando um vácuo atrás de si. A onda de choque empurra o ar, gera o vácuo e vai enfraquecendo até sua força equiparar-se com a força da pressão atmosférica. A *onda negativa* ocorre quando a pressão dos gases da onda positiva torna-se menor que a pressão atmosférica e esta retorna em direção ao epicentro da explosão, eliminando o vácuo deixado pela onda positiva. Nesse processo, ocorre a *fragmentação* - decomposição ou desintegração dos objetos pela onda de choque - e o *efeito térmico-incendiário* - geração de altíssima temperatura. Os efeitos secundários são a *onda de reflexão* - que consiste na mudança de rumo de uma onda positiva, quando ela encontra um objeto que não consegue fragmentar - e a *onda de convergência* - ocorre quando a onda positiva encontra um objeto que não tem força para fragmentá-lo, porém, a superfície do objeto não possui área suficiente para provocar uma reflexão. A onda se divide e, após passar pelo objeto, volta a unir-se, seguindo sua trajetória.

O exemplo da caixa de sapatos é apenas fruto de imaginação atrelada a uma possibilidade concreta. Todavia, inúmeros militares já foram vítimas de pequenos artefatos. Alguns possuem seqüelas como perda parcial da audição, problemas de visão, cicatrizes e mesmo perda de membros. A ação aconselhável quando se depara com um possível artefato explosivo é *não mexer, não tocar, não remover e não ficar próximo*. Isolar o local e acionar a equipe especializada seria o caminho mais seguro.

3 AS BOMBAS DE IMPACTO

O mês era outubro de 1997. No interior do estádio Magalhães Pinto, conhecido por Mineirão, duas grandes equipes realizam uma partida. De um lado está o Cruzeiro; do outro, o Vasco. O estádio está lotado e os ânimos dos torcedores, exaltados. No intervalo do primeiro tempo, torcedores dos dois clubes se encontram. Após troca de insultos, Claudemir da Silva Reis, um adolescente de apenas 16 anos, é atingido no tórax e fígado por uma *bomba de impacto*. O estudante não suporta e falece¹⁷. Em julho do mesmo ano, outro adolescente havia sentido literalmente na pele os efeitos de semelhante artefato. Tratava-se de Cleiton Rodrigues, de 15 anos, que teve o olho esquerdo perfurado

¹⁷ "Assassinato no Mineirão: Polícia apura bomba no esporte". Jornal Estado de Minas, 10 de outubro de 1997.

Ocorrências envolvendo engenhos explosivos: a partir de retrospectiva histórica, a necessidade de uma Doutrina Operacional

por uma brita - material usado na fabricação da bomba. O acusado de ter confeccionado a bomba, um menor de 16 anos, teve a mão esquerda decepada.

Esses são alguns dos inúmeros casos envolvendo as famosas bombas de impacto. Um artefato relativamente fácil de ser confeccionado, mas que, devido ao tipo de explosivo utilizado, a vítima pode ser o próprio fabricante, seja no processo de montagem ou no seu transporte.

Com as *vistorias técnicas antibombas* implementadas nos estádios, tem diminuído sensivelmente a incidência de bombas de impacto. Não são poucos os indivíduos presos por portarem tais artefatos¹⁸. Mas o perigo não cessa quando o policial realiza a apreensão. Sem o conhecimento do potencial ofensivo da “bomba de impacto”, ela é colocada no porta-luvas da viatura, e após passar por vários quebra-molas e buracos, por uma questão de sorte, chega à Delegacia Especializada de Armas (DEAME), Munições e Explosivos do Departamento Estadual de Operações Especiais (DEOEsp). Ali o policial-militar entrega o “tijolo quente” ao detetive de plantão, que fica a esperar a chegada de um técnico da DEAME.

Diferentemente dos demais artefatos explosivos improvisados, a “bomba de impacto” tem como sistema de acionamento o simples atrito ou impacto, não necessita de calor ou uma fonte de energia. Sua carga explosiva é altamente sensível. Portanto, seu desmantelamento deve ser feito por pessoal tecnicamente capacitado e equipado.

4 AS BOMBAS POSTAIS

Em 1972, foram enviadas 147 cartas-bombas pela organização palestina Setembro Negro. Uma delas foi destinada ao embaixador de Israel no Brasil Itzhak Harakvi. A bomba foi entregue na embaixada de Israel em Brasília e teria sido postada em Amsterdã / Holanda no dia 18 de setembro de 1972. Media 210 mm de comprimento por 110 mm de largura e 08mm de espessura. A carta-bomba foi desativada por peritos do (Instituto Nacional de Criminalística) INC/Departamento de Polícia Federal e continha cerca de 20 g de explosivo à base de PETN + RDX (tetraceno de pentaeritrita + hexogeno), detonador n.º 08 de cobre - achatado em um torno - e sistema de acionamento por percussão sobre uma espoleta do tipo “Boxer” encaixada no detonador.

¹⁸ SANTOS, Nádia. Bomba para o clássico: artefato seria atirado por um torcedor durante o jogo entre Cruzeiro e Atlético. *Jornal Diário da Tarde*, 5 de abril de 1999.

A partir do caso da embaixada de Israel, desencadeou-se uma série de outras ocorrências envolvendo bombas postais em todo o território brasileiro. Existem casos em que as bombas chegaram a explodir, como o ocorrido em Belo Horizonte em 2001, onde três policiais-militares foram vítimas. Em decorrência da explosão, um deles teve deslocamento de retina e o outro perdeu parte considerável de sua audição.

A casuística mostra que alguns fatores são comuns nas bombas postais, diferenciando-as das correspondências comuns. Abaixo listamos os principais itens que podem nos levar à suspeição de uma correspondência:

- a) forma de entrega anormal, diferente da convencional;
- b) postagem não esperada;
- c) envelope/embalagem firme, com espessura desproporcional ou deformada;
- d) excesso de lacre;
- e) materiais com fios, arames e peças metálicas;
- f) mancha de óleo, gordura ou tinta;
- g) cheiro anormal (massa de pão, amêndoa);
- h) remetente desconhecido, não endereçado, endereço incompleto;
- i) excesso de selos (nacional e internacional) violados ou alterados;
- j) escritas como: privado, confidencial, em mãos;
- k) escrito com recortes de jornal/revista;
- l) nomes e títulos incorretos, títulos sem nome;
- m) erros de escrita em palavras simples.

Além dos aspectos retromencionados, devem-se levar em conta questões de ordem subjetiva, tais como: se o destinatário seria um alvo em potencial, se existiria uma circunstância que poderia atrair algum tipo de ameaça, vingança ou atentado.

Ocorrências envolvendo engenhos explosivos: a partir de retrospectiva histórica, a necessidade de uma Doutrina Operacional

Ocasionalmente, observam-se dispositivos de carta-bomba, usados no passado, reaparecendo em diversas ocorrências atuais. Os mecanismos de acionamento mais utilizados são os sistemas de tração e descompressão, o que leva a entender, num primeiro momento, que invariavelmente esta bomba só seria acionada ao ser aberta. Contudo, em virtude das várias vezes que já teria sido manuseada, seu sistema poderia se alterar ficando mais sensível.

Dependendo do tipo de explosivo usado, bastariam apenas alguns gramas para tirar a vida de uma pessoa. Diante desse elevado potencial ofensivo, recomenda-se que, ao si deparar com uma correspondência nas situações narradas, o destinatário jamais tente abri-la e até mesmo manuseá-la. Deve-se isolar o objeto em um determinado local e acionar de imediato o Esquadrão Antibombas para que policiais com conhecimentos técnicos adotem medidas próprias para o caso.

5 O TÉCNICO EM BOMBAS E EXPLOSIVOS

O policial que trabalha com bombas e explosivos precisa de frequente treinamento e condições para pesquisa. Por se tratar de um tema diretamente relacionado a outras áreas do conhecimento, tais como a química, a mecânica e a eletricidade, só é possível atingir um nível avançado de conhecimentos através de laboratórios com testes e experiências. Tal empiria será traduzida em ações antibombas e ações contra bombas no teatro de operações.

A prioridade de qualquer policial em uma ocorrência deve ser salvar vidas, inclusive a do próprio profissional de segurança pública. Um técnico em bombas e explosivos sem condições ideais de trabalho expõe não só a sua vida como também a de outros policiais e civis envolvidos na ocorrência. Além da preocupação com a vida, os policiais devem atentar para a proteção do patrimônio, segundo o direito de propriedade consagrado pela Constituição do Brasil. Nesse contexto, coloca-se a pergunta: como desativar um bomba sem danificar um bem?

Em uma ocorrência com bombas, têm-se que proporcionar subsídios para a investigação. Os trabalhos técnicos investigativos fornecerão dados que permitirão identificar os autores das ameaças e dos artefatos. Para que esse trabalho seja realizado, o policial-militar deverá preservar os indícios e os vestígios nos locais de crime, evitando sua deterioração, além de colher o maior número de informações.

Não basta ao policial técnico em bombas ser um autodidata, é necessário possuir equipamentos específicos que possibilitem proteção individual e uma desativação com segurança e qualidade. É imperioso acompanhar o avanço tecnológico contemporâneo, pois o mercado internacional disponibiliza uma série de produtos para a área de bombas, sendo, dessa forma, inadmissíveis a improvisação e o amadorismo.

6 LEGISLAÇÃO

Os legisladores brasileiros deram a devida importância aos explosivos, face ao grande perigo que representam para a tranquilidade pública. Foram registrados no Código Penal Brasileiro dois artigos que tratam diretamente do assunto, tipificando o *Crime de Explosão* (art. 251) e o *Crime de Fabricação, fornecimento e aquisição ilegais de explosivos* (art. 253), além de outros artigos relacionados indiretamente, como, por exemplo, a qualificação e o agravamento de pena pelo uso de substância explosiva.

O Estatuto da Criança e do Adolescente também abordou o assunto, reprimindo pessoa que “venda, forneça ainda que gratuitamente, ou entregue de qualquer forma à criança ou adolescente explosivo, fogos de estampido ou artifício”, demonstrando claramente o perigo de dano físico em caso de uso indevido.

O Código Penal Militar dedicou um artigo com a tipificação de causar ou tentar causar explosão em lugar sujeito à administração militar, visando com isto à proteção à vida, integridade física e o patrimônio.

O art. 41 das Lei das Contravenções Penais é claro em seu enunciado: “*provocar alarma, anunciando desastre ou perigo inexistente, ou praticar qualquer ato capaz de produzir pânico ou tumulto.*” O pânico é imprevisível, excessivo, irracional, a mais contagiosa das emoções humanas, motivo pelo qual nos preocupamos com as ameaças de bombas, que quase sempre têm por finalidade causar pânico.

O tema explosivos foi inserido na Lei de Segurança Nacional, no Sistema Nacional de Armas, Lei 94.044/88, que dispõe sobre as normas para transporte de explosivos; na Lei 9.437/97, que trata do emprego de artefato explosivo e incendiário sem autorização; no Decreto-Lei 4.238/42 e na Lei 6.429/77, que regulam as várias classes de fogos de artifício, sua fabricação e uso.

Ocorrências envolvendo engenhos explosivos: a partir de retrospectiva histórica, a necessidade de uma Doutrina Operacional

As Forças Armadas têm por competência a fiscalização e o controle sobre a fabricação, comercialização e utilização de produtos controlados. Para tal, editou-se o R-105 - Regulamento para Fiscalização de Produtos Controlados - que engloba todas as armas, munições e explosivos de uso proibido e permitido, regulamenta a fabricação, o comércio, o uso, o transporte e o armazenamento de explosivos, delegando ainda competência para os estados atuarem na fiscalização e no controle, emitindo licenças para as empresas que utilizam tais produtos.

Em Minas Gerais, a Secretaria de Segurança Pública criou a DEAME - Delegacia Especializada de Armas Munições e Explosivos - e lhe deu competência para fiscalizar, emitir licenças e apurar infrações relativas a produtos controlados. É de sua responsabilidade a emissão de portes, registro de armas e a realização de exames para habilitação de blaster - profissionais responsáveis por atuar diretamente com explosivos - em todo o Estado.

A Polícia Militar de Minas Gerais, atualmente, dispõe do Esquadrão Antibombas do Grupamento de Ações Táticas Especiais. Tal equipe é composta por policiais técnicos especialistas em desativação de engenhos explosivos improvisados e convencionais. Está munida de raios X portátil, traje anti-fragmentação, canhões disruptores e outras ferramentas úteis para o cumprimento de sua missão. Os especialistas do Esquadrão Antibombas são responsáveis pela desativação de engenhos em todo o Estado de Minas Gerais.¹⁹

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além das ameaças de bomba, das bombas de impacto e das bombas postais, tem-se uma infinidade de outros tipos de ocorrências que envolvam engenhos explosivos improvisados ou comercializados. Em todas as situações, o perigo de explosões, destruições, mutilações e mortes é grande, pelo fato de que, com explosivos, só se erra uma vez, não sendo aconselhável nenhuma medida de reação ao artefato sem conhecimento e equipamentos específicos.

Do que foi exposto, depreende-se que a despeito de ter-se um Esquadrão Antibombas, composto por profissionais altamente qualificados no Brasil e no exterior, atuando desde início da década de 1990, falta à Polícia Militar de Minas Gerais uma doutrina operacional definida, que normatize a

¹⁹ As Diretrizes de Operações Policiais-Militares (DOPM) Nr. 12, de 1994 - CG, prescrevem que são ocorrências típicas de atuação do GATE, dentre outras, *ameaças de bombas e atos terroristas*.

atuação deste corpo especializado²⁰, bem como a definição dos procedimentos a serem adotados pelos policiais-militares dos diversos batalhões da Corporação quando da eclosão de uma ocorrência envolvendo engenhos explosivos improvisados.

Preocupações neste sentido se fizeram sentir quando da emissão dos “*procedimentos operacionais a serem adotados em ocorrências e/ou ameaças de bombas*”. Este documento sintetizava toda a doutrina em duas folhas, e foi encaminhado a todos os Batalhões da Polícia Militar. “*Os procedimentos operacionais*” classificava as ocorrências de bombas em quatro graus: I) possibilidade real; II) certa possibilidade; III) poucas possibilidades e IV) remotas possibilidades. Para cada, indicava os procedimentos a serem adotados. Todavia, em todos os graus os procedimentos eram realizados pelos próprios policiais-militares dos batalhões²¹.

Dois anos após a emissão dos “Procedimentos operacionais”, o Capitão Eduardo Lucas de Almeida detectava que “as lamentáveis cenas de salas vazias e pessoas desesperadas, novamente se repetiram, e ao avaliarmos minuciosamente a atuação da PMMG em tais ocorrências, verificamos uma significativa parcela de culpa pela ausência de uma postura mais técnica”²².

Certamente, no decorrer de mais de uma década de práticas, os homens do Esquadrão Antibombas forjaram no dia-a-dia um saber que, confrontado com as técnicas e teorias norte-americanas e européias, constituíram um *modus operandi* peculiar, fruto dos meios disponíveis e as especificidades locais. Todavia, necessário se faz reunir estes procedimentos e normatizá-los de maneira institucional.

²⁰ Quando da fundação da Companhia de Operações Especiais, ao tratar da organização básica, o plano de Desdobramento de 1987 prescrevia o efetivo de três sargentos “peritos em desmontar artefatos”, Todavia, nada mais mencionava sobre os procedimentos por eles adotados. Cf. Diretriz de Operações Policiais Militares n.º. 006/87-CG. Funcionamento e emprego da COE. Separata do Boletim Geral da PMMG, n.º 17, de 27 de janeiro de 1987, p. 3.

²¹ Procedimentos operacionais a serem adotados em ocorrências e/ou ameaças de bombas. Ofício encaminhado pelo Comandante do Batalhão de Missões Especiais ao Comandante do Comando de Policiamento da Capital.. 04 de maio de 1994.

²² Cf. Ofício do Capitão Eduardo Lucas de Almeida, Chefe da Seção de Inteligência ao Major Wagner Cláudio Teixeira, Comandante do Grupamento de Ações Táticas Especiais. Belo Horizonte, 17 de maio de 1996.

Ocorrências envolvendo engenhos explosivos: a partir de retrospectiva histórica, a necessidade de uma Doutrina Operacional

Enquanto isso não se realiza, serve-se deste veículo de transmissão de conhecimentos para propor um diálogo com o vasto público da Polícia Militar de Minas Gerais. Um público composto pelos profissionais especialistas em policiamento ostensivo, que são os primeiros a se depararem com as ocorrências de alta complexidade, e os profissionais especialistas em desativação dos engenhos explosivos.

Aos primeiros, espera-se um grau de profissionalismo e amadurecimento tal que lhes permita seguir as recomendações elencadas no corpo deste artigo, nomeadamente: a recolhimento criterioso de informações, o isolamento do local de crise e o acionamento das equipes especializadas. Neste contexto, deve-se sempre ter em mente que o policial-militar que primeiro chega ao local da ocorrência é a peça fundamental no processo de gerenciamento e solução da crise.

Quanto aos especialistas em desativação, é sensato e necessário o atrelamento dos recursos humanos, devidamente capacitados, ao aparato tecnológico disponível. De acordo com o Capitão Diógenes Viegas Dalle Lucca, da nossa co-irmã Polícia Militar de São Paulo “*trabalhar com explosivos é preciso*”. Tal frase carrega o duplo sentido de primeiramente ter-se consciência da precisão no sentido de necessidade, uma vez que situações dessa natureza têm acontecido com frequência e pela complexa e indispensável condição de serem os especialistas do Esquadrão Antibomba competentes na resolução dessas ocorrências. Urge que se preparem adequadamente, para que não haja, na melhor das hipóteses, risco desnecessário à sua integridade física; secundariamente, trabalhar com explosivos é preciso no sentido de exatidão, por se tratar de um assunto técnico, regido por normas, procedimentos e cuidados que são eficazes desde que cumpridos com rigor.

Abstract: Department. The Police Department has been alerted with the development of incidents, which improvised bombs are being used. The Police are aware of a need to create a specific Operation

Key words: Department to solve these problems. Anti bombs actions, bombs, explosives and Bomb Squad.